

As *fanfics* e suas práticas de autorias entre fãs na cibercultura

  **Yasmin do Nascimento Viana**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil
yasmindonviana@gmail.com

  **Rosemary dos Santos**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil
rose.brisaerc@gmail.com

Resumo: Apresentamos o universo das *fanfics* com o objetivo de compreender as práticas de autoria entre fãs na Cibercultura. Nosso método consiste na bricolagem da ciberpesquisa-formação com os cotidianos e temos como campo de pesquisa uma escola pública na Baixada Fluminense. Concluimos que, com a Cibercultura mais presente em nossas vidas, precisamos estar atentos para as novas possibilidades de aprender por meio de outros Cotidianos, além do cotidiano escolar.

Palavras-chave: *Fanfiction*; Cibercultura; Cotidianos

Fanfics and their authorship practices among fans in cyberculture

Abstract: We present the universe of fanfics intending to understand the practices of authorship among fans in cyberculture. Our method consists of the bricolage of cyber-research-formation with everyday life, and our field of research is a public school in the Baixada Fluminense. We conclude that, with cyberculture more present in our lives, we need to be aware of the new possibilities of learning through other everyday life, in addition to everyday school life.

Keywords: *Fanfiction*; Cyberculture; Everyday life

Los fanfics y sus prácticas de autoría entre los fans en la cibercultura

Resumen: Presentamos el universo de los *fanfics*, con el objetivo de comprender las prácticas de autoría de los fans en la Cibercultura. Nuestro método consiste en una bricolaje de la ciberinvestigación-formación con los cotidianos y nuestro campo de investigación es una escuela

pública. Concluimos que, a medida que la Cibercultura está más presente en nuestras vidas, necesitamos ser conscientes de nuevas posibilidades de aprendizaje a través de otros cotidianos, además de lo escolar.

Palabras clave: *Fanfiction*; Cibercultura; Cotidianos

Recebido em: 2023-08-01

Aceito em: 14/12/2023



1 PESQUISANDO COM OS COTIDIANOS DOS FÃS EM REDE E NOS FORMANDO COM ELES

Esse artigo é fruto de uma pesquisa de Mestrado e tem por objetivo compreender o gênero literário *fanfic* como prática de autoria entre fãs no contexto da Cibercultura. A *fanfic* é um tipo de texto criado por fãs que se inspiram em obras que admiram para criar os seus escritos. Esse termo é uma abreviação da palavra *fanfiction*, que pode ser abreviada novamente por *fics*, abreviação esta que, segundo Vargas (2015), é de origem nacional. Como questões da nossa pesquisa, indagamo-nos: Como os fãs estão produzindo *fanfics* atualmente? Quais práticas metodológicas consideramos apropriadas para quem pesquisa *fanfics*? Como as *fanfics* podem criar redes de autorias docentes/discentes entre os estudantes?

Como opção epistemológica, usamos o termo *fanfic* por ser o mais popular para identificar esse gênero literário entre os fãs. Nosso problema de pesquisa consiste em como os fãs estão produzindo *fanfics* atualmente e o modo como elas podem criar redes de autorias docentes/discentes entre os estudantes. Na Figura 1 é possível conferir um exemplo do que é uma *fanfic*, sendo ela inspirada na história em quadrinhos (HQ) Turma da Mônica Jovem (TMJMYLOVE, 2020):

Figura 1 – Exemplo do que é uma fanfic. Nesse trecho, ocorre uma cena de estupro e a autora escreve uma mensagem de conscientização.

- Oi meu amor - diz ele
- Você...saí sai SAI DAQUI - diz Mônica quase chorando
- Ai meu amor não grite você sabe que ninguém vai te ouvir - diz ele chegando perto de Mônica
- Saíiii - diz Mônica gritando com a esperança de alguém a escutar
- Cala a sua boca - diz ele tentando a beijar a força
- Sai de perto dela - diz Cebola puxando ele pelo ombro e dando um soco na cara dele
- Quem é você pra me dar ordem? - pergunta o homem com o nariz sangrando
- Eu sou um homem de verdade - diz Cebola dando outro soco fazendo o homem desmaiar - Você tá bem?
- Não, não to...ele...ele...ele... - Mônica gaguejando tenta explicar tudo para Cebola
- Não precisa explicar, enquanto eu estiver aqui você sempre vai estar protegida - Diz Cebola abraçando Mônica com força.

ESTUPRO É CRIME! Se você passa por isso denuncie não guarde o que você passa para si mesma, denuncie, não deixe que isso aconteça com mais mulheres, denuncie faça tudo o que for preciso para esse verme que faz isso com você seja preso.

NÃO AO ESTUPRO



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377>.

Ao pesquisarmos sobre *fanfics*, nos inspiramos em Vargas (2015), que foi a primeira pessoa a pesquisar sobre esses textos em nosso país. Também nos inspiramos em Magnóni e Miranda (2013), Neves (2011) e Félix (2008). Como método, optamos pela bricolagem da ciberpesquisa-formação, inspiradas em Santos (2019), com os cotidianos, inspiradas em Certeau (1998, 2002) e em Andrade, Caldas e Alves (2019), considerando o cotidiano vivido pelos jovens fãs, que vivem outros cotidianos para além do escolar. Procuramos trazer para este texto uma escrita outra, a partir de um rigor outro, que possibilita “um movimento que aponta para a diferença” e com ele “estamos pluralizando esse debate e seus encaminhamentos” (Macedo, 2021, p. 27), para além do que já estamos acostumados, expressada por meio das múltiplas linguagens, sem seguir exatamente uma linearidade e que também pergunta, não apenas traz respostas, se é que as trazemos. Para conversarmos sobre Cibercultura, que é a atual cultura que vivenciamos com a presença das tecnologias digitais em rede, buscamos inspiração em Lévy (1999), Santos (2019) e Santos (2011).

Como moradora da Baixada Fluminense e estudante da escola e da universidade públicas, presenciei de perto a conexão das periferias à Cibercultura. Desde criança, tive forte interesse pelos aparelhos tecnológicos da época e não foi diferente com o computador, que foi um objeto de desejo de muitos de nós da periferia. Ainda hoje, muitos de nós não possuímos acesso aos computadores, dispositivos móveis e à Internet, mas foi nessa conexão tardia, se comparada às vivências de pessoas que não são de periferia e que não vivem a mesma situação socioeconômica precária, que tive melhor oportunidade de explorar *sites* e redes sociais utilizados entre fãs. Assim encontrei as *fanfics* e, ainda como uma jovem leitora desse tipo de texto, eu já percebia a importância literária para o pequeno grupo que as consumiam, o que me despertou maior interesse em pesquisá-la academicamente também como educadora, posteriormente, ao cursar a Licenciatura em Pedagogia. É a partir dessa curiosidade que nossa pesquisa se justifica, assim como o campo da nossa pesquisa, que é uma escola localizada na Baixada Fluminense da qual fui estudante durante muitos anos.

Temos como ‘*praticantepensantes*’¹ dessa pesquisa os estudantes da turma do primeiro ano do Ensino Médio, na modalidade Normal, conhecida anteriormente como o curso de Formação de

¹ O termo ‘*praticantepensante*’ é trazido por Oliveira (2012), com inspiração no termo *praticante* de Certeau (1998), que são as pessoas que vivem as práticas do cotidiano. Os ‘*praticantepensantes*’ são pessoas que trazem conhecimento, emoções, valores, história de vida, entre outros, para nossa pesquisa, e podem ser professores e/ou estudantes presentes no cotidiano que estudamos, como é o nosso caso.

Professores, assim como a professora que lecionou a disciplina Língua Portuguesa e Literatura² para essa turma durante a nossa vivência, no ano letivo de 2022, que foi o primeiro ano de aulas presenciais obrigatórias³ após o surgimento da pandemia do Coronavírus (COVID-19), após dois anos letivos de aulas no formato remoto, fatores esses que nos atravessam e não podemos deixar de citar neste texto.

Neste artigo, procuramos trazer como contribuição para a área da Educação o entendimento de que, conforme a Cibercultura se torna cada vez mais presente em nossas vidas, o acesso a ‘conhecimentosoutros’⁴ se torna ainda mais intenso: contamos com novas possibilidades de aprender para além das convencionais, fato para o qual nós, educadores, precisamos estar atentos. Propomos aos nossos pares que vivenciem a Cibercultura e procurem por outras atividades que as juventudes praticam, para além daquelas que são propostas em aula, para que possamos compreender como os nossos educandos vivem e quais maneiras de aprender são mais apropriadas para eles, assim como fizemos durante a pesquisa apresentada neste escrito.

2 SER MEMBRO NO CIBERESPAÇO: CONHECENDO AS FANFICS E OS FÃS

Para seguirmos com a nossa pesquisa, foi necessário que nos aproximássemos da cultura vivida pelos jovens fãs em rede, a cultura de fã, da qual eu já fazia parte anteriormente, o que facilitou o diálogo com a nossa pesquisa. A cultura de fã surgiu como consequência do aumento do consumo de produtos culturais, como filmes, séries, música, livros e quadrinhos. Interpretamos como fã a pessoa que dedica uma boa parte de seu tempo, dinheiro, interesse e energia com um determinado produto midiático, conhecendo seu objeto de admiração em detalhes, como um especialista. Nem todas as pessoas que gostam de uma determinada obra devem ser consideradas como fãs: isso é determinado pelo seu envolvimento com o produto (Martino, 2015). Os fãs, já não satisfeitos em simplesmente apreciar os produtos culturais oferecidos, começaram a sentir a necessidade de contribuir com aquelas obras, discutir, opinar, dialogar, acrescentar sua identidade. Foi dessa forma que surgiram os fã clubes, que são espaços onde os fãs podem trocar opiniões sobre as obras, terem

² A disciplina foi lecionada no regime do Novo Ensino Médio, portanto, se tratava de uma única disciplina que reunia aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, por isso os nomes foram unidos.

³ No último bimestre de 2021, foram lecionadas aulas presenciais, mas de forma opcional aos estudantes.

⁴ Por conta de implicações do ato de fazer ciência na Modernidade, algumas palavras são estilizadas desse modo, por conta de conflitos entre suas concepções. Palavras como ‘conhecimentosignificações’, ‘praticantespensantes’ e ‘espaçotempos’, entre outras, são a bricolagem de dois termos que não são mais importantes um do outro, e sim possuem importância igual, ou seja, a ordem de escrita das palavras não determina sua importância.

acesso a outros pontos de vista e obterem informações relevantes sobre as obras, deixando de ser meramente consumidores e passando a ser co-produtores e/ou reprodutores.

Como um espaço potente para a comunicação entre os fãs e para a divulgação de suas expressões artísticas inspiradas nos produtos midiáticos que gostam, como, por exemplo, as *fanfics*, os fãs criaram as *fanzines*, que se tratam de revistas que eram distribuídas a preço de custo de produção ou até mesmo gratuitamente. Com a chegada da Cibercultura, os fãs foram deixando as *fanzines* de lado e passaram a se reunir no ciberespaço⁵ por meio dos *fandoms*, termo que pode ser traduzido como *reino dos fãs*, que são grupos de fãs de um respectivo produto midiático. Trazemos como curiosidade o fato de a tradução desse termo fazer alusão a esse *reino* como sendo *dos fãs*, e não *do ídolo* ou *da obra*. Ou seja, o que protagoniza na relação entre os fãs são eles próprios, tem como centralidade na experiência deles mesmos, as suas interatividades, opiniões e os compartilhamentos de saberes, não apenas o seu objeto de admiração.

Assim como Silva (2021), entendemos que o conceito de interatividade se origina da teoria da comunicação, não da informática, o que nos ajuda a entender que, ainda que não houvesse conexão à rede e às tecnologias digitais, foi possível que os fãs organizassem um ‘*espaçotempo*’ coletivo de troca de saberes, porque, para que a interatividade aconteça, “basta promover a articulação da emissão e da recepção na cocriação da comunicação, do conhecimento e da formação humana” (2021, n.p.).

Foi justamente no modo offline que as *fanfics*, da forma como conhecemos atualmente, tiveram suas primeiras publicações: por intermédio das *fanzines*, por volta da década de 1960. Essas primeiras *fanfics* eram inspiradas em obras de ficção científica, como a obra *Star Trek*. Reescrever uma história da qual gostamos soa tão natural que parece impossível que isso só tenha acontecido nos anos 1960, não é mesmo? Pois bem, Magnóni e Miranda (2013, p. 109) nos contam que já existiam escritos semelhantes à *fanfic* no século XVII, mas essa prática foi descontinuada por conta das leis de direitos autorais, e apenas voltaram a ser divulgadas nos anos 1960, com o aparecimento das *fanzines*, já organizadas dentro dos *fandoms* às quais pertenciam as *fanfics*. Mesmo com essas obras semelhantes às *fanfics* em um tempo distante, nós afirmamos, junto a Félix (2008), que as *fanfics* são

⁵ O ciberespaço é, para Santaella (2004, p. 45), “o espaço que se abre quando o usuário se conecta com a rede”. Ao usar um aparelho conectado, como um *smartphone* ou um computador, navegamos entre textos, imagens, animações, vídeos e áudios. Essa hibridização de linguagens é chamada por Santaella (2004, p. 48) de linguagem hipermídia, que vem sendo chamada de convergência de mídias, por unir diferentes mídias em uma única mídia. Com a popularização dos dispositivos móveis, que também se incluem os *tablets* e *notebooks* ou *laptops* e, com a chegada das conexões Wi-Fi, 4G e 5G, contamos com a cultura conectada, dessa vez, de forma móvel e ubíqua, como nos diz Santos (2019, n.p.). Essa cultura conectada chamamos de Cibercultura. Já não há mais a necessidade de estarmos parados em frente ao computador em um determinado espaço físico para vivenciarmos o ciberespaço.

muito mais do que textos inspirados por outras histórias: esses novos escritos só fazem sentido dentro do *fandom* do cânon⁶ no qual a *fanfic* foi baseada.

2.1 Os *fandoms* como espaços formativos nos tempos de cibercultura

Foi no ciberespaço que a comunicação dos fãs se estreitou, tanto uns com os outros quanto com os seus ídolos ou criadores das expressões artísticas pelas quais são apaixonados. Entendemos que, com o acesso ao ciberespaço, também se tornou mais fácil conhecer produtos culturais da mídia produzidos nas mais distantes localidades. Com poucos cliques ou toques, podemos assistir a um filme japonês legendado em idioma português brasileiro, por exemplo, mesmo que este produto não possua tradução oficial para o nosso país: existem fãs que são fluentes ou “aprendentes” do idioma japonês que estão dispostos a traduzir as obras e torná-las mais conhecidas. Essa iniciativa é chamada de *fansubbing*, ou simplesmente *fansub* (CINTAS; SÁNCHEZ, 2022). Em estilo semelhante, também temos com o *fan dubbing*, ou *fan dub* (MIQUEL-VERGÉS, 2015), que consiste na dublagem amadora desses produtos, e o *scanlation*, que é a prática de editar imagens e textos de histórias em quadrinhos com o objetivo de traduzir o seu conteúdo em texto (ARAGÃO, 2016).

As interfaces em rede possuem características pedagógicas e comunicacionais, enquanto emergem grupos/pessoas que ‘*aprendem em si mesmas*’ simultaneamente, fora dos espaços escolares e acadêmicos. Por meio dos *fandoms*, os fãs potencializam suas autorias e seus sentidos de colaboração uns com os outros e com a sociedade em que vivem, o que pode favorecer as práticas pedagógicas que valorizem a autonomia, a diversidade e a democracia, assim como Santos (2019, n.p.) nos conta sobre o ato de aprender em rede. Por isso, os espaços digitais ocupados pelos fãs se mostram como espaços formativos.

No ciberespaço, muitas pessoas viram a oportunidade de interagir com os seus pares e, com isso, divulgar as suas criações, já que podem contar com o acesso a um público mais interessado. A fronteira entre os fãs e as produtoras dos seus objetos culturais diminui conforme a Cibercultura se torna mais popular: os fãs podem entrar em contato com o diretor do filme que gostam, pedirem uma sequência, criticarem algum trecho da obra que não gostaram ou até mesmo darem ideias para uma continuação, seja diretamente ou indiretamente, a partir das releituras, como as *fanfics*, as *fanarts*, os *fansubs*, os *fan dubs* e as *scanlations*, como conversamos anteriormente. Na próxima subseção, iremos conversar mais a fundo sobre as *fanfics* e onde podemos encontrá-las.

⁶ As obras pelas quais os textos são inspirados. Nesse meio, usa-se mais o tempo em Inglês: canon.

2.2 Onde as *fanfics* estão? Caminhando nos espaços de leitura e escrita criados pelos fãs

Ao participarem do ciberespaço, os ‘*autoresfãs*’⁷ perceberam uma melhor oportunidade de se fazerem vistos por outros fãs que poderiam apreciar a reinvenção das histórias que amam. Reunidos em *sites* dedicados a essas histórias tão amadas, grupos de fãs anônimos tomaram a iniciativa de criar espaços especializados para essas reinvenções.

Os *sites* dedicados às *fanfics* são os espaços onde elas são publicadas por seus ‘*autoresfãs*’, que são lidas por outros fãs que, independente de serem escritores ou não, exercem sua autoria **por** meio dos comentários que fazem nos textos, dos quais elogiam, criticam, deixam sugestões de uma possível continuação ou questionamentos a respeito da narrativa, como nos trazem Amaral, Veloso e Rossini (2019, n.p.):

[...] devido ao desaparecimento das características individuais de um sujeito que inventa e escreve, o autor perde seu espaço tradicional e dá lugar ao leitor, que é quem faz circular o sentido, aquele que pode observar o plural de que o texto é feito, e ainda, adicionar seu próprio plural.

Uma das primeiras publicações de *fanfics* brasileiras que se tem conhecimento sobre (MAGNONÍ; MIRANDA, 2013) foi feita no *site* Exodus FanFics, em 1997, *site* esse que não está mais no ar. Vargas (2005) nos conta que as primeiras publicações de *fanfics* foram feitas em *sites* estrangeiros e conforme os *sites* brasileiros foram criados, os ‘*autoresfãs*’ também traziam *fanfics* estrangeiras que elegiam como interessantes para esses *sites* nacionais e as traduziam para o nosso idioma.

Mundialmente, o *site* Fanfiction.net é um dos *sites* de *fanfics* mais famosos, mesmo tendo sido criado por volta de 1998. Ele possui publicações de *fanfics* em mais de trinta idiomas diferentes. Isso nos mostra o quanto a Cibercultura tem possibilitado que os *fandoms* rompam barreiras geográficas e culturais. Além do Fanfiction.net, entre os mais conhecidos *sites* de *fanfics* no mundo, também temos o Archive of Our Own (AO3) e o Wattpad, sendo que esse último vem se mostrando como o queridinho dos fãs na atualidade por possuir uma melhor dinâmica de acesso e também contar com um aplicativo (*app*) dedicado. Vemos que não é à toa que o Wattpad foi escolhido pelos ‘*praticantespensantes*’ como o dispositivo⁸ da nossa pesquisa!

⁷ Partimos do princípio de que os autores de fanfic também são fãs, por isso, fazemos a junção dos termos “autores” e “fãs”, já que, ao revelar-se como autor, este não deixa de ser fã, dentro do contexto em que se situam as fanfics.

⁸ O conceito de dispositivo, para Ardoíno (2003), consiste em meios intelectuais e materiais estrategicamente usados para se conhecer melhor o objeto que pesquisamos.

Entre as opções nacionais, as mais conhecidas são os *sites* Spirit Fanfics, que, assim como o Wattpad, também possui um *app* para acesso através de *smarphones* e *tablets* e também tem presença marcada nessa pesquisa; e o Nyah! Fanfiction, que é um dos *sites* pioneiros sobre esse gênero literário no Brasil. Na Figura 2, a seguir, podemos conferir a página inicial do Nyah!:

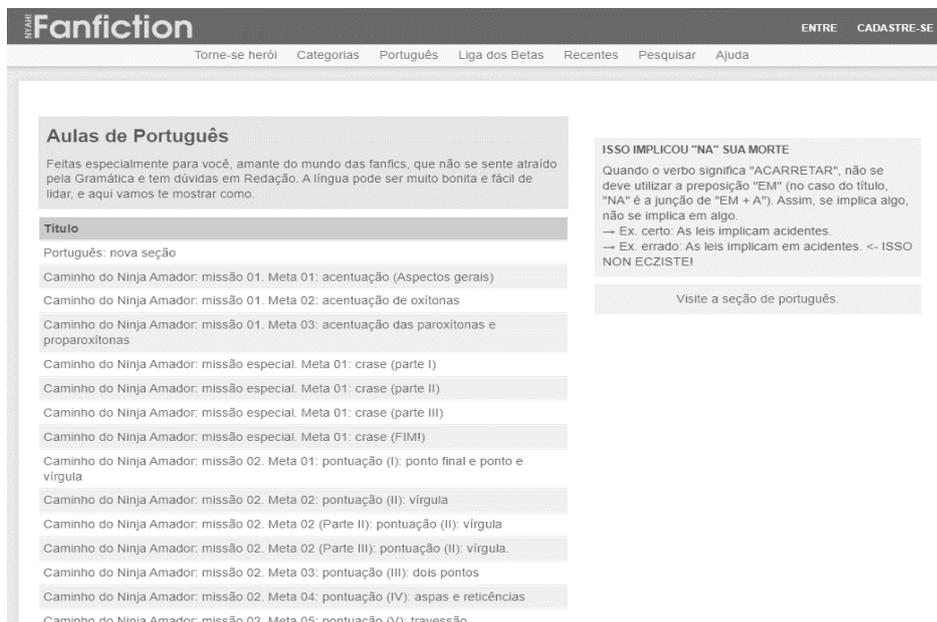
Figura 2 – Página inicial do site Nyah! Fanfiction.



Fonte: <https://fanfiction.com.br>.

Uma das coisas que difere o Nyah! de outros espaços de publicação de *fanfics* é o fato de o *site* oferecer aulas de Português para os jovens escritores, como vemos na Figura 3. Antigamente também podíamos encontrar uma seção como está no *site* Spirit Fanfics, mas atualmente não conseguimos mais localizar essa seção.

Figura 3 – Seção de aulas de Português do site Nyah! Fanfiction.



The screenshot shows the 'Fanfiction' website interface. At the top, there is a navigation bar with 'ENTRE' and 'CADASTRE-SE' buttons. Below the navigation bar, there are links for 'Torre-se herói', 'Categorias', 'Português', 'Liga dos Betas', 'Recentes', 'Pesquisar', and 'Ajuda'. The main content area is titled 'Aulas de Português' and includes a brief introduction: 'Feitas especialmente para você, amante do mundo das fanfics, que não se sente atraído pela Gramática e tem dúvidas em Redação. A língua pode ser muito bonita e fácil de lidar, e aqui vamos te mostrar como.' Below this, there is a list of lesson titles under the heading 'Título'. The lessons are organized into a grid with alternating light and dark gray background colors. The titles include: 'Português: nova seção', 'Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 01: acentuação (Aspectos gerais)', 'Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 02: acentuação de oxítonas', 'Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 03: acentuação das paroxítonas e proparoxítonas', 'Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte I)', 'Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte II)', 'Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte III)', 'Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (FIM!)', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 01: pontuação (I): ponto final e ponto e vírgula', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02: pontuação (II): vírgula', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02 (Parte II): pontuação (II): vírgula', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02 (Parte III): pontuação (II): vírgula.', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 03: pontuação (III): dois pontos', 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 04: pontuação (IV): aspas e reticências', and 'Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 05: pontuação (V): travessão'. To the right of the lesson list, there is a text box titled 'ISSO IMPLICOU "NA" SUA MORTE' with a warning about the use of the preposition 'EM' and examples of correct and incorrect usage. At the bottom right, there is a button that says 'Visite a seção de português.'

Fonte: <https://fanfiction.com.br>.

Esses *sites* se mostram como verdadeiras bibliotecas digitais interativas porque permitem a criação de comentários que podem ser respondidos, o que possibilita uma conversa entre diferentes pessoas, como podemos ver na Figura 4, logo abaixo:

Figura 4 – Comentários na fanfic Sem Você, de tmjmylove



The screenshot shows a comment thread on a fanfiction page. The first comment is from 'Andreianezi', posted on 23/09/2017 at 18:21. The comment text is 'Continue eu estou amando' and includes a circular icon with a flame. Below this, there are two replies. The first reply is from 'Brendy_Clara', dated 01/05/2018 at 18:12, with the text 'Aaa eu tbm' and a small profile picture. The second reply is from 'tmjmylove', dated 01/05/2018 at 19:18, with a small profile picture and a heart icon. Each comment and reply has a small 'reply' icon in the top right corner.

Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377/capitulo11>.

Também é possível a criação de listas de leitura personalizadas, que podem ser definidas com diferentes temáticas, de acordo com a preferência dos leitores. Pudemos encontrar essa opção nos *sites*

Wattpad e Spirit Fanfics. Trazemos, como exemplo, a lista de leitura que criamos com algumas histórias que trouxemos do Spirit Fanfics para ilustrar essa pesquisa na Figura 5:

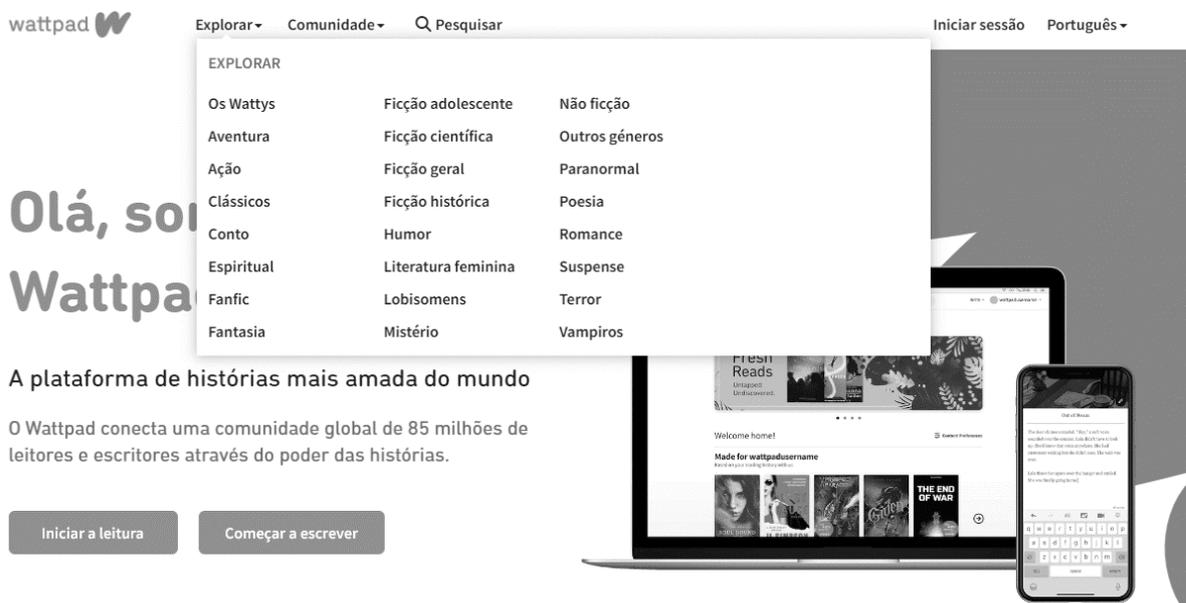
Figura 5 – Lista de leitura com as histórias do Spirit Fanfics que trouxemos para essa pesquisa



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/listas/fanfics-para-a-pesquisa-8941128>.

Já o *site* Wattpad, nosso dispositivo de pesquisa, foi idealizado inicialmente para disponibilizar livros digitais com licenças gratuitas, publicados pelos autores, mas muitos fãs se apropriaram desse espaço para publicar histórias que foram inspiradas em outras, ou seja, as *fanfics*. A popularização do Wattpad também se dá pela linguagem cotidianista das histórias que foge da linguagem rebuscada dos livros que costumamos encontrar em livrarias físicas. Vemos na Figura 6 as categorias de escritos mais populares no Wattpad:

Figura 6 – As temáticas das fanfics mais populares no site Wattpad



wattpad  Explorar ▾ Comunidade ▾ Q Pesquisar Iniciar sessão Português ▾

EXPLORAR

Os Wattys	Ficção adolescente	Não ficção
Aventura	Ficção científica	Outros géneros
Ação	Ficção geral	Paranormal
Clássicos	Ficção histórica	Poesia
Conto	Humor	Romance
Espiritual	Literatura feminina	Suspense
Fanfic	Lobisomens	Terror
Fantasia	Mistério	Vampiros

Olá, sou
Wattpad

A plataforma de histórias mais amada do mundo

O Wattpad conecta uma comunidade global de 85 milhões de leitores e escritores através do poder das histórias.

Iniciar a leitura Começar a escrever

Fonte: <https://www.wattpad.com>.

Independente de onde sejam publicadas ou quais obras as inspiram, as *fanfics* são classificadas por gêneros textuais próprios a esse meio (LOVE, 2018), assim como também faz uso dos gêneros literários conhecidos no meio literário formal, às vezes apropriados de forma errada pelos fãs. Agora que compreendemos um pouco sobre como funciona a dinâmica dos espaços em que as *fanfics* são publicadas e como elas são organizadas, iremos conversar sobre os novos tipos de leitores e autores que surgem na nossa atual cena sociotécnica, a Cibercultura, junto de algumas problematizações relacionadas à criação e ao usufruto da literatura nos dias atuais.

2.1.1 Conhecendo o perfil dos leitores e escritores das *fanfics*

Há muito tempo se fala da preocupação quanto ao “desaparecimento da cultura do livro” (SANTAELLA, 2004, p. 15): vimos isso acontecer quando a televisão se tornou popular e quando os computadores começaram a entrar nas casas de cidadãos comuns. Com o acesso a *smartphones*, vemos que a preocupação com o abandono à leitura de livros físicos se tornou parte do senso comum. O grande problema que envolve essa preocupação está no fato de que só é visto como meio de literatura válido esse tal livro, em seu formato tradicional, impresso em folhas de papel e devidamente encadernado. Esse tipo de visão exclui outros tipos de literatura que já existiam e outras que vem surgindo com o avanço das tecnologias digitais, como as *fanfics*. Cândido (2011, p. 176) entende literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma

sociedade em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Essa última forma, infelizmente, vinha sendo a única considerada como significativa, especialmente nos espaços escolares, situação que vemos mudar nos últimos anos.

Apesar das pequenas mudanças, vemos literaturas outras que continuam a serem menosprezadas por seguirem estruturas diferentes se comparadas aos escritos hegemônicos, como se houvesse um só modelo de criação. É aqui que também entendemos, com a ajuda de Santaella (2004, 2022), que os modos de ler e escrever se modificam conforme os costumes de cada geração, considerando a cultura de cada momento histórico. A partir da sistematização dos perfis dos diferentes leitores de acordo com esses modos de ler e escrever, feita por Santaella (2004), buscamos entender os modos de leitura e escrita presentes na percepção de quem cria e lê as *fanfics*. Vamos conhecer melhor essa sistematização a seguir.

Chamamos de *leitor contemplativo* aquele que surgiu em decorrência da chegada do livro impresso e da imagem expositiva. Durante milênios, havia o hábito de se ler as palavras pronunciando-as verbalmente para si mesmo, mas, com o surgimento do livro impresso e das bibliotecas, a leitura silenciosa tornou-se comum, o que, de certa forma, fez com que o leitor não gastasse tanto tempo em suas leituras, por conta de o seu ritmo de leitura não precisar seguir o ritmo de sua fala (SANTAELLA, 2004, p. 21). Esse perfil de leitor tem a característica de se isolar para realizar a leitura em total silêncio, por isso, popularizou-se a imagem de uma biblioteca que preza pelo silêncio. É nesse momento que também surge a organização de texto em parágrafos, o que tornou os discursos mais legíveis (SANTAELLA, 2004, p. 22).

Já aquele que caracterizamos como *leitor movente* é representado pela figura de quem está na multidão, cercado de imagens de propagandas e signos. Esse leitor surge com o aparecimento da fotografia e do cinema. Esse tipo de leitura se ajustou a novos ritmos de atenção, acostumando-se com a aceleração do mundo. Surge em decorrência da popularidade do jornal e é descrito como um leitor de fragmentos, “de tiras de jornal e fatias da realidade” (SANTAELLA, 2004, p. 29). Podemos dizer que esse tipo de leitor *preparou o terreno* para o próximo tipo que iremos abordar: o *leitor imersivo* (SANTAELLA, 2004, p. 11), que é um dos perfis que nos ajudam a compreender a percepção de leitura dos estudantes da geração atual, que já nasceram vivendo o contexto da Cibercultura.

O *leitor imersivo* possui diferentes habilidades de leitura, já *treinado* pelas habilidades que falamos aqui anteriormente, mas que, ao mesmo tempo, diverge dessas habilidades. Esse leitor é uma

pessoa integrada à Cibercultura, já habituada com os gestos necessários ao diálogo com o computador ou outro dispositivo conectado. Não se trata mais de uma leitura que segue uma determinada ordem, mas uma leitura que se conecta a outras leituras, que não contém apenas texto escrito, mas que pode conter imagens, sons e vídeos, com o apoio da convergência de mídias.

A leitura no ciberespaço traz uma linguagem que induz o leitor seguir com outras leituras, que podem ser predeterminadas pelo autor, mas, principalmente, pelo próprio leitor, porque ele é quem está responsável pelo caminho a ser seguido a partir dali (SANTAELLA, 2004, p. 50). Até porque, ao terminar a leitura de uma página na Web, é necessário saber para onde vai seguir.

É por isso que o *leitor imersivo*, tanto na era do computador de mesa quanto do *smartphone* e outros dispositivos móveis, tem em si a curiosidade ainda mais aguçada, o que é necessário para o manuseio desses novos artefatos culturais que se conectam à rede: para aprender a lidar com eles, se faz necessária a heurística e a dedução de quais opções seguir. Não há manual ou pessoa que irá dizer para este leitor como ele deve usar o aparelho conectado: em muitas das vezes, ele segue sua intuição com base nos seus conhecimentos prévios no ciberespaço para que ele possa caminhar para novos ciberespaços, que nem sempre serão iguais, mas terão suas proximidades.

Para caracterizar o leitor da nova era da Cibercultura, Santaella (2022) nos fala sobre o *leitor ubíquo*, que é aquele que pode ter acesso à informação, textos, imagens, áudios e vídeos, assim como pode se comunicar por meio dessas linguagens a partir de qualquer lugar, desde que possua o artefato móvel e a conexão que são necessários para isso (2022, p. 267).

Podemos caracterizar, então, o perfil do leitor de *fanfic* como *leitor imersivo e ubíquo*. As gerações recentes de leitores são constituídas por pessoas que, assim como eu, começaram a frequentar o ciberespaço quando jovens, e aprenderam um novo tipo de leitura, que é exibida na tela com o uso de comandos específicos cujos caminhos são determinados pelo leitor, ainda que, muitas das vezes, com a ajuda dos algoritmos. Esse novo tipo de leitura, que chamamos de navegação, propõe outro tipo de alfabetização para além das habilidades de ler e escrever “pois o alfabeto das interfaces é semioticamente complexo implicando uma compreensão geral do modo de operação do computador” (SANTAELLA, 2004, p. 101) ou do *smartphone*. Ou seja, não basta conhecer os signos e acioná-los, mas se requer um conhecimento mais profundo da máquina que intermedia a navegação.

Para além daqueles que experienciaram o acesso ao ciberespaço enquanto jovens, convidamos o leitor do presente artigo a pensar a situação dos *nativos digitais*, que nasceram já na cena sociotécnica contemporânea e conheceram o ciberespaço ainda bem pequenos. São pessoas que se desenvolveram motoramente com a presença do computador, do *tablet* e/ou do *smartphone*, e

desenvolveram essas habilidades ao mesmo tempo em que desenvolviam outras comuns, como a escrita manual, por exemplo. Pessoas como essas são os ‘*praticantespensantes*’ da nossa pesquisa. Já a geração de bebês que surgem nesse exato momento no qual nos situamos consegue manipular o *smartphone* “não só com destreza, mas com operações cognitivas certas para aquilo que buscam” (SANTAELLA, 2022, p. 267). Foi pensando nisso que Santaella (2022) está desenvolvendo outro perfil de leitor, ao qual ela chama de *leitor precoce*.

Apesar de tantas diferenças entre os perfis de leitores, é importante entendermos que um tipo de leitor não exclui o outro (SANTAELLA, 2004, p. 19) e que hoje convivemos com diferentes tipos de leitores. Mas, se formos pensar na atual geração de jovens leitores, será que esses que dispõem de todas essas habilidades que conversamos acima realmente devem ser considerados inferiores ao leitor que manuseia um livro físico? Essa é uma de nossas inquietações em nossa pesquisa, ainda mais quando consideramos o tempo que vivemos após o surgimento da pandemia de COVID-19 e a grande aproximação que tivemos com a tecnologia desde esse acontecido.

3 SER MEMBRO NA ESCOLA: A PARTICIPAÇÃO COMO ‘PROFESSORAPESQUISADORA’

Seria complicado realizar essa pesquisa pelos modos tradicionais. Diríamos que seria impossível. Não há como deixar de me ver como aqueles estudantes que ocupam aquelas carteiras, aqueles pátios, aquela quadra esportiva, aquele jardim... Há não muito tempo, era eu quem estava ali, no lugar deles. E daqui a pouco tempo serão eles, professores em formação, que irão ocupar os nossos lugares como professores, e irão se surpreender ao notar que nunca se abandona a posição de aprendiz, nem mesmo quando deveríamos supostamente apenas ensinar.

Optamos por pesquisar com uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, na modalidade Formação de Professores – Curso Normal (CN), por esses estudantes serem não somente jovens estudantes, mas também serem professores em formação. Com isso, poderíamos refletir sobre nossas práticas, tanto como estudantes quanto como educadores que aqui se formam e nos formam.

Essa escola é referência na região por oferecer o curso de Formação de Professores (antigo Curso Normal), além do fato de a escola promover diversas atividades culturais com os seus estudantes e também contar com uma boa estrutura física que ocupa um quarteirão inteiro. Nesse espaço físico temos a quadra de esportes, o centro cultural, o jardim com diversas plantações e um grande número de salas de aula.

A

Esta obra está licenciada sob
uma Licença *Creative Commons*



escola também conta com uma sala de leitura, que

se encontra fechada por falta de um profissional responsável pelo atendimento nessa sala. Há também um laboratório de informática, que poderíamos ter usado para realizar a nossa proposta de atividade, mas também se encontra fechado, como podemos ver na Figura 7. Ao questionar esse fato, a diretora adjunta e um dos inspetores contaram que os computadores são muito antigos e possuem uma configuração inferior à que é necessária para se explorar o ciberespaço atualmente. Além disso, não há como ligar os aparelhos: os estabilizadores não funcionam mais. A diretora adjunta ressaltou que, com a pandemia e o ensino remoto emergencial, essas salas ficaram sem uso durante muito tempo. Apesar disso, ela contou que a escola iria receber *Chromebooks*⁹ para o uso dos estudantes.

Figura 7 – Sala de informática da escola, com sua porta trancada



Fonte: Acervo da autora (2022).

A proposta de pesquisa foi bem recebida pela escola e pela professora de Língua Portuguesa e Literatura. A única sugestão inicial da professora foi a escrita das *fanfictions* em papel e caneta, por ela possuir preferência em realizar atividades manuscritas. Apesar de termos preferência pela escrita digital, acreditamos que os modos de se fazer pesquisa não devem ser impostos exclusivamente pelas

⁹ Os *Chromebooks* são *notebooks* que executam o *ChromeOS*, que é um sistema operacional baseado no armazenamento em nuvem, o que não exige que tenham configurações de hardware muito avançadas.



pesquisadoras da universidade, mas também devemos trazer os modos dos ‘*praticantespensantes*’ que constroem a pesquisa conosco. Como algumas pessoas que escrevem *fanfics* costumam escrever suas histórias inicialmente manuscritas, para depois reescrevê-las de forma digital, concordamos com a proposta da professora. Logo no primeiro contato, ela se mostrou muito compreensiva e interessada pelo que tínhamos a trazer para a turma.

Como dispositivo, acionamos o *site* Wattpad, já que os estudantes da turma o consideram como o espaço mais popular para a criação e leitura de *fanfics* e livros de produção independente, sendo assim, o mais apropriado para as nossas criações. Apesar de algumas estudantes já possuírem perfil criado, a maioria deles se recusou a criar um perfil no *site* e optaram pela criação de um perfil que representasse a turma em sua totalidade. Questionei qual estudante poderia se oferecer para criar a conta de *e-mail* e o cadastro no *site* Wattpad, mas, novamente, a maioria pediu para que eu mesma criasse o perfil e o personalizasse.

Para fazer essa personalização, eu pedi para que trouxessem um título para o perfil que representasse a turma. Após muito pensarem, uma das estudantes deu a ideia de usar o nome do grupo que os estudantes integram no aplicativo *WhatsApp*, no qual apenas os estudantes participam, sem a presença de professores. Tive vontade de pedir para participar desse grupo, mas sabemos que os grupos fechados entre estudantes são ciberespaços onde eles podem compartilhar suas aflições, desabafos, revoltas (JESUS, 2019), entre outros sentimentos e vivências que preferem dividir com seus pares, sem o peso da hierarquia entre professores e estudantes instituída por séculos. Para ilustrar o perfil, os estudantes escolheram uma foto onde a turma está reunida em uma organização de celebração de Natal. Podemos visualizar o perfil da turma no Wattpad na Figura 8:

Figura 8 - Perfil no Wattpad da turma CN 1001





Fonte: <https://www.wattpad.com/user/cn1001>.

Outro dispositivo que acionamos foi a roda de conversa ao final da nossa trajetória em que falamos sobre nossas preferências, quais partes das múltiplas linguagens mais nos encantam, nossa relação com as *fanfics*, com a proposta que fizemos, o que poderia ser aprimorado em nossa pesquisa, nossas vivências com a arte durante o auge da pandemia, nossos usos das tecnologias digitais enquanto pessoas periféricas, enfim, foram diversos assuntos envolvendo a arte e a criação que se atravessam e entrelaçam.

Transparecemos aqui a importância de se conversar sobre a pandemia, porque havia sido um evento recente que prejudicou as práticas escolares formais, especialmente diante da dificuldade de acesso à Internet que muitos possuíam naquele tempo. Nós consideramos que nossas pesquisas como educadores são importantes para “acompanhar os efeitos do novo coronavírus na vida em sociedade” (VELLOSO, SANTOS, JUNIOR, 2022). Ainda que houvesse algum tipo de facilidade com o acesso às atividades remotas, esses foram tempos em que todos se encontravam fragilizados de alguma forma, seja por conta da doença ou por conta do distanciamento físico.

Consideramos que a arte foi uma das formas de se tentar manter a sanidade emocional nesses tempos, assim como ainda o é. Pensando nisso, trazemos a

Esta obra está licenciada sob
uma Licença *Creative Commons*





proposta de uma atividade envolvendo o ato de ler e escrever *fanfics* para o nosso campo de pesquisa, para que, por meio desses escritos e leituras, possamos dialogar com uma cultura mais próxima da vivida pelos jovens estudantes, a cultura de fã, além de nos mantermos próximos da Cibercultura para além de uma situação emergencial. Outra roda de conversa também foi feita com os ‘*praticantespensantes*’ que já eram autores de *fanfics* antes dessa pesquisa chegar até eles.

Nossa prática em sala consistiu na criação de uma *fanfic* por cada estudante. A pedido da professora com quem pesquisamos, os cânones dos nossos escritos foram determinados pela turma e consistem em dois filmes, um livro, uma série e uma história em quadrinhos, para que a professora pudesse conhecer as obras originais e entender o contexto delas durante a leitura das *fanfics* criadas pela turma.

Ao finalizarmos a nossa atividade, a maioria dos estudantes percebeu que a atividade proposta seria ainda mais atrativa se cada um pudesse escolher o cânone pelo qual fosse fã, mesmo aqueles que não possuíam o hábito de ler *fanfics* antes da pesquisa. Isso reafirma que o que move a escrita de uma *fanfic* é o envolvimento emocional que a pessoa possui com as obras que inspiram sua escrita, como Félix (2008) nos trouxe anteriormente. Apesar disso, todos que participaram da atividade afirmaram ter gostado e contaram que organizariam algo inspirado na dinâmica que trouxemos para a turma, envolvendo a Cibercultura e seus artefatos culturais.

4 UMA NÃO-CONCLUSÃO: COMO CONTINUAMOS A PESQUISAR COM AS FANFICS

Com este texto, apresentamos como funcionam as redes de autoria entre fãs, em especial, os que produzem *fanfics* e as compartilham com seus pares no ciberespaço. Enquanto se pensa estar na posição de *quem ensina*, “aprendentes” vivem e aprendem outras coisas que não estão nos livros, fora da escola e até mesmo dentro dela. Se nos abstermos da vida que acontece fora do que é planejado no currículo, além de perdemos a riqueza do que é viver outras realidades, nos distanciamos cada vez mais daqueles que mais deveriam interagir com a gente em aula.

Conosco, ou apesar de nós, as coisas acontecem na sala de aula e fora da escola. Melhor será que participemos desse fascinante processo de criação coletiva, fazendo uma alegre aventura de conhecer o mundo e propor mudanças ao que percebemos de equivocado.

Desta maneira, é preciso admitir que mais que alunos e professoras, em sala de aula, somos colegas que podemos ensinar uns aos outros os tão variados saberes e conhecimentos que sabemos, a partir do que fazemos, lemos, ouvimos, sentimos, conversamos, vemos, trançando



nossos conhecimentos em processos que são sempre transversais, mesmos que não o percebamos (GARCIA; ALVES, 2008, p. 85-86).

Notamos que, apesar de toda a complexidade presente nas relações entre os fãs, muitos educadores ainda desconhecem a atual fase desse movimento de fãs que estão presentes no ciberespaço, mesmo após o momento de calamidade pública que vivemos com a pandemia de COVID-19 e a necessidade de um ensino remoto emergencial causado pelo distanciamento físico que, na época, era necessário para a prevenção do vírus no começo dessa década.

Há muitas escolas que ainda proíbem o uso do celular e de outros artefatos com conexão à Internet em sala de aula, como as do Estado do Rio de Janeiro por advento da Lei 5.222 (RIO DE JANEIRO, 2008), ainda que, há pouco tempo, o excesso dessa conexão fosse importante para que os diálogos entre educadores e educandos fossem possíveis. Entendemos essa vontade de *voltar a como era antes* como uma tentativa de esquecer o que foi vivido durante esse tempo. O mundo já não é mais o mesmo depois do surgimento desse vírus. Muitas pessoas perderam a vida, perderam familiares, amigos queridos e/ou tiveram a saúde física e emocional comprometidas. Não há como seguirmos nossas vidas como se nada disso tivesse acontecido.

Apesar dessas proibições, alguns professores, como a professora que realizou essa pesquisa conosco, buscam integrar costumes da Cibercultura em suas aulas, como, por exemplo, incentivando que os estudantes que não estão portando o livro didático naquele momento fotografem as páginas necessárias para acompanhar a atividade que está sendo feita, a partir do livro de algum colega, e acompanhem os textos a partir da tela do *smartphone*, ou quando a própria professora publicava fotos do quadro com as questões trazidas para a aula daquele dia no grupo da turma no aplicativo WhatsApp, atitude que, infelizmente, não percebemos ser tomada por qualquer outro professor presente naquele grupo. Ao mesmo tempo, há momentos em que a professora reforça essa proibição, geralmente quando o artefato não está sendo usado naquela atividade e a professora suspeita que esteja sendo usado para outras coisas, como conversar outros assuntos com amigos no ciberespaço ou navegar pelas redes sociais.

Conforme fomos conversando neste texto, percebemos a importância de se pesquisar os novos fenômenos que surgem ou se popularizam na Cibercultura, assim como os usos dos novos artefatos culturais, como o *smartphone*, o *tablet*, *notebook* e o computador, e as modificações sociais que esses usos nos trazem. Entre fenômenos como a *fanfic* “algo (se) passa”, como nos diz Larrosa (2003, p. 5).

Esses textos

podem nos trazer significados além do que foi

Esta obra está licenciada sob
uma Licença *Creative Commons*



dito, o que reforça a importância de aguçarmos nossos sentidos de forma empática aos diferentes cotidianos possíveis (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 25), trazendo outros modos de pensar que sejam diferentes dos que aprendemos ao decorrer da nossa formação.

Essa conversa não se encerra aqui: já iniciamos a análise de algumas narrativas que surgiram no campo e pretendemos continuar nossos estudos a partir de algumas ideias, pensamentos e questões que surgiram e, talvez, ainda surgirão durante a escrita da dissertação, da publicação de artigos e apresentações de trabalhos, em diálogo com os nossos ‘*praticantespensantes*’ e os autores que nos inspiram.

5 REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Sabrina Moura. Scanlation e o poder do leitor-autor na tradução de mangás. **TradTerm**, v. 27, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/121372>. Acesso em: 3 jan. 2024.

ARDOINO, Jacques. **Para uma Pedagogia Socialista**. Brasília. Editora Plano, 2003.

AMARAL, Mirian Maia; VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo; ROSSINI, Tatiana Stofella Sodré. A autoria coletiva no contexto da educação em tempos de cibercultura. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (Org.). **Informática na Educação: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019. (Série Informática na Educação CEIE-SBC, v.2) Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/autoriacoletiva>. Acesso em: 16 set. 2022.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Org.) **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: 2019. 250p.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CINTAS, Jorge Díaz; SÁNCHEZ, Pablo Muñoz. Fansubs: Tradução Audiovisual em um Ambiente Amador. Tradução: Willian Henrique Cândido Moura. **Cadernos de Tradução**, v.42 n.1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/80264>. Acesso em: 3 jan. 2024.

FÉLIX, Tamires Catarina. O dialogismo no universo fanfiction: uma análise da criação de fã a partir

do dialogismo bakhtiniano. **Ao pé da letra**: revista dos alunos da graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, v. 10, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231642>. Acesso em: 19 out. 2022.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda (orgs.). **O Sentido da Escola**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

JESUS, Rosana Sales. **Conversas docentes no WhatsApp**: uma pesquisa multirreferencial com os cotidianos. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

Larrosa, Jorge. **Estudar = Estudiar**. Tradução: Tomaz Tadeu, Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOVE, Pam. Gêneros de Fanfics e seus significados. **Amino**, 2018. Disponível em: https://aminoapps.com/c/fanficworld0/page/blog/generos-de-fanfics-e-seus-significados/GzRa_25cnuzw55EYPpBZb601D0W54wMD26. Acesso em: 10 maio 2023.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisa-Formação/Formação-Pesquisa**: criação de saberes e heurística formacional. Campinas: Pontes Editores, 2021.

MAGNONÍ, Antônio Francisco e MIRANDA, Giovani Vieira. Novas formas de comunicação no século XXI: o fenômeno da cultura participativa. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 12, n. 23, jan-jun 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/2226/1511>. Acesso em: 7 set. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

MIQUEL-VERGÉS, Joan. La universidad como institución frontera en el ámbito de la traducción multimedia. **Opción**, v. 31, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31045567044>. Acesso em: 3 jan. 2024.

NEVES, André de Jesus. A literatura marginal na internet: o fenômeno fanfiction como instrumento de disseminação e divulgação das/nas margens. **A invasão da cultura nos estudos de língua e literatura**, Alagoinhas, v. 1, n. 1, p. 158-172, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1436#:~:text=O%20presente%20te xto%20constitui%2Dse,pensamento%20sobe%20a%20literatura%3B%20analisa r%3A%20C>. Acesso em: 12 maio 2022.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei N° 5.222, de 11 de abril de 2008. Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular e outros aparelhos nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 2008.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Contribuições de Boaventura de Souza Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **Rev. E-curriculum**, São Paulo, v. 8, n.2. Agosto, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/766/76623546004.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Os algoritmos sonham por nós. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.19, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/91491>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book Kindle.

SANTOS, Rosemary dos. **A tessitura do conhecimento via mídias digitais e redes sociais: itinerâncias de uma pesquisa-formação multirreferencial**. Rio de Janeiro, 2011. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). **Informática na educação: interatividade, metodologias e redes**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>. Acesso em: 5 maio 2023.

TMJMYLOVE. **Sem Você**. Spirit Fanfics e Histórias, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377>. Acesso em: 12 maio 2022.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos; JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto. “quantas vidas você vai salvar agora?” Sobre a importância das ciências humanas e sociais em tempos de COVID-19. **Revista Humanidades e Inovação**, v.9, n.05, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4277>. Acesso em: 28 jun. 2022.